Conclusão

No dia 31 de outubro de 2009 Arnaldo Bloch faz publicar no Segundo Caderno do Jornal O Globo uma crônica intitulada “This is Michael: da aversão à veneração numa noite de estréia”. Em meia página o jornalista descrevia a relação conturbada que estabelecera ao longo da vida com a imagem do Rei do pop para, finalmente, confessar uma recente conversão realizada numa sala de cinema. Pouco depois da morte de Michael Jackson havia sido lançado o documentário *This is it*, em que o astro aparece orquestrando os ensaios de um *show* que jamais viria a se realizar. O filme se tornou um sucesso comercial: sua estreia mundial rendeu mais de vinte milhões de dólares, cifra que corrobora a febre planetária que Michael Jackson inspirou durante décadas, e que foi reanimada pela morte do astro, combinada a um *marketing* póstumo capaz – ainda que momentaneamente – de enredar os mais céticos e racionais.

Assim como Michael Jackson, um sem fim de figuras públicas, principalmente egressas do âmbito do entretenimento, nos afetam de maneira irracional e arrebatadora. São atores, cantores, artistas em geral que, ostentando uma personalidade muitas vezes controversa, não só consubstanciam nossas paixões e anseios, mas corporificam nossas idiossincrasias, nossos ideais, medos e tabus coletivos, tornando-se poderosas armas para quem quer que as reconheça como tal, sejam os partidários da cultura dominante, sejam as minorias que se veem representadas e atuantes através de suas máscaras. São representações emblemáticas tanto das diretrizes mais essenciais da nossa organização social – como o indivíduo e o consumo – quanto das nossas identidades mais comezinhas. Para alguns, são modelos – a serem seguidos ou não; para muitos, que reencontram, sob o seu signo, um pretexto para resgatar uma forma e um momento de congregação social, assumem posição de líderes. Essas personalidades, ainda que imperfeitas, adquiriram na modernidade tardia o *status* de protagonistas desta sociedade do espetáculo, não só pelo que representam *em* ou *de* nossas vidas, mas por sua capacidade de manter funcionando a máquina do consumo, através do fornecimento ininterrupto de entretenimento.

A chamada pós-modernidade nos precipitou rumo à Era das Celebidades, à Era das Tautologias; a um tempo em que o invólucro passa a ser a maior

preocupação e justificativa de nós mesmos, em que uma personalidade performática, de preferência agradável aos olhos, vale mais que atitudes, ideais ou conquistas. Rumo à era que matou o herói e elevou o anti-herói, um novo protagonista que, se acredita, é espelho de nós mesmos, mas que, paradoxalmente, sobrevive à custa da distância que interpõe com relação a nós. Se as estrelas do cinema hollywoodiano arrebatavam corações, era justamente porque se mantinham afastadas de nós; as telas de cinema transformaram o fosso teatral em abismo transponível apenas em sonho, o que lhes garantia uma aura de divindade que, se não existe mais é, em grande parte, por causa do enfraquecimento do sistema do estrelato: com a ajuda dos *paparazzi*, as estrelas tornaram-se demasiado próximas de nós, perigosamente próximas de nós. Como Cecília, personagem de *A Rosa Púrpura do Cairo*, de Woody Allen, escolhemos a realidade, mas talvez não tenhamos sua mesma sorte, pois estamos incutindo realidade demais naquilo que é talvez um dos nossos maiores refúgios manipuláveis - a ficção¹.

As grandes estrelas podem ter sucumbido, mas as celebridades brilham na Idade das Personalidades, tempo em que a sobrevivência psíquica e profissional de muitos, exige que se leiloe a intimidade. Profissionais de todas as áreas passam a pressentir que, nesta realidade superpolulosa e regida pelo entretenimento, a visibilidade está prestes a deixar de ser útil, para tornar-se até mesmo fundamental. Rendem-se, então, aos encantos das lentes das máquinas e da televisão. Enquanto isso, os profissionais das artes cênicas aos poucos percebem que são talvez os mais vulneráveis diante da máquina publicitária e oferecem-se voluntariamente como reféns da indústria midiática, sobretudo, televisiva, na tentativa de permanecerem exercendo o seu ofício.

É bem verdade que muitos escolhem a profissão de ator pela fama que ela pode trazer, mas é igualmente verdadeiro que outros a escolhem apesar dela.

¹ Estamos nos referindo aqui à sequência final do filme. Cecília dividida entre dois amores, o personagem do filme que lhe faz sonhar - que se passa dentro do filme e também se intitula *A Rosa Púrpura do Cairo* - e o ator que o interpreta, decide ficar com o segundo. Escolhe a realidade em detrimento da ficção. Decide abandonar o marido com esperanças de começar uma vida nova com o ator de *Hollywood*. Quando vai encontrá-lo na porta do cinema, no entanto, descobre que o ator foi embora sem ela. Era, também ele, um personagem: personagem de si mesmo. O ator de cinema, com seu “nome artístico” era o personagem do ex-motorista de táxi por quem Cecília se apaixonara. Sem ter para onde ir, Cecília entra na sala de projeção e assiste à cena antológica de *O Picolino* em que Fred Astaire, dançando com Ginger Rogers canta *I'm in Heaven*. Vemos então os olhos de Cecília transformarem-se e percebemos que a moça passa da decepção ao sonho, refugia-se na ficção e no mundo de sonho que ela gentilmente lhe oferece.

Ainda assim, não se pode negar que a fama, ou a celebridade, como se queira chamar, tornou-se um valor por si só. A simples exposição substitui o mérito, e uma fama vazia passa a ser incensada e perseguida, encobrendo qualquer possibilidade de encontrarmos uma saída para este labirinto de espelhos e ilusões em que nos metemos. Ilusões não mais explicitamente fabricadas - como fazia *Hollywood* com suas estrelas perfeitas encenando *happy-endings* -, mas insidiosamente veladas e encenadas por indivíduos “como nós”, que de dentro da ficção deixam uma promessa, frequentemente frustrada, de que podemos nos tornar um deles, afinal, eles já nem são sequer perfeitos.

No microcosmo cinematográfico e televisivo – que, é claro, reflete o que se passa fora dele – exalta-se uma pretensa democracia que, embora já fosse encenada pela *Hollywood* dos anos dourados, revela hoje uma faceta ainda mais perversa, porque também enaltecedora de uma minoria que, fora dos padrões de beleza estabelecidos pelo Ocidente, conseguiu furar o bloqueio; um número ínfimo de pessoas que o sistema dominante elege periodicamente para encarnarem uma suposta possibilidade real e significativa de ascensão social e inclusão midiática.

Hollywood vendia sonhos e não fazia segredo disso. E, esses sonhos, por mais que fosse preciso comprá-los, exerceram uma influência inédita sobre nossas vidas, através da ficção e dos cotidianos controlados em que embrulhava e distribuía seus astros. Hoje, mesmo críticos da vacuidade dos signos que sustentam tantas celebridades e da vulgarização da fama obtida por meio da exposição pornográfica de suas intimidades, não podemos negar a ascendência e a sedução que as estrelas hollywoodianas foram capazes de exercer sobre nós. Ora, as estrelas já eram celebridades, já pertenciam, alimentavam e dependiam da máquina publicitária e de suas imagens, já faziam parte do esquema capitalista de venda de personalidades, já eram heróis sem feitos, a não ser fictícios; mas é bem provável que ao menos uma dessas estrelas, aproveitando um descuido da razão, tenha invadido seja o cotidiano, seja o coração de cada um de nós.

O fato é que a mais vazia das celebridades pode imiscuir-se em nossas vidas, ainda que de forma alheia à nossa vontade: basta fazer um comentário maldoso, comprar uma revista, assistir a um filme, comparar atuações, ou sucumbir ao ímpeto - ou ao desejo, quem sabe - de chamar James Stewart pelo

apelido carinhosos e íntimo de Jimmy, ainda que a intimidade seja, sabidamente, unilateral, falaciosa, recompensadoramente fantasiosa.